

## Língua portuguesa em contexto migratório: orgulho ou desinteresse?

**ISABELLE SIMÕES  
MARQUES**  
isabelle.marques@uab.pt

Doutorada em Linguística pela Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (2009)  
Professora Auxiliar da Universidade Aberta, Portugal  
Investigadora do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (CLUNL)  
(UIDB- FCT nº 03213 - <https://doi.org/10.54499/UID/03213/2025>)  
Investigadora Colaboradora do Laboratório de Educação a Distância e eLearning da Universidade Aberta, Portugal (LE@D) (UID-FCT nº 4372)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3155-3762>

**PALAVRAS-CHAVE:**  
Língua Portuguesa;  
Identidade;  
Diáspora;  
Ideologias Linguísticas;  
Plurilinguismo;  
Língua de Herança.

**ARTIGO RECEBIDO A:**  
19/09/2025  
**ARTIGO APROVADO A:**  
28/10/2025

**RESUMO:** Este artigo propõe uma abordagem sociolinguística das práticas linguísticas das comunidades portuguesas em contexto migratório, enfatizando o papel da língua como marcador identitário, elo intergeracional e instrumento de pertença cultural. Em contraste com análises linguísticas tradicionais de base estruturalista e descritiva, a reflexão aqui desenvolvida centra-se em enquadramentos ideológicos e em relações de poder que moldam a produção e avaliação das práticas linguísticas. Defendemos que a norma-padrão não é a única referência legítima e que a língua portuguesa falada fora de Portugal, em contexto de língua de herança, deve ser reconhecida como uma prática plural, situada e legitimamente heterogênea. Discutimos como os falantes em contexto de migração operam com repertórios plurilingues complexos e contextualmente adequados, desafiando ideologias deficitárias que os estigmatizam como “falantes incompletos”. O artigo conclui com a defesa de políticas linguísticas e educativas mais inclusivas e pluricêntricas, que valorizem a diversidade do espaço lusófono e promovam a justiça sociolinguística, reconhecendo as comunidades migrantes como agentes ativos da vitalidade da língua portuguesa fora de Portugal.



## Portuguese language in the context of migration: pride or disaffection?

**ISABELLE SIMÕES  
MARQUES**  
isabelle.marques@uab.pt

PhD in Linguistics from the Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (2009)  
Assistant Professor at the Universidade Aberta, Portugal  
Researcher at the Linguistics Research Centre of NOVA University Lisbon (CLUNL) (UIDB–FCT No. 03213 – <https://doi.org/10.54499/UID/03213/2025>)  
Collaborating Researcher at the Laboratory of Distance Education and eLearning of the Universidade Aberta (LE@D) (UID–FCT No. 4372)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3155-3762>

**KEYWORDS:**  
Portuguese Language;  
Identity;  
Diaspora;  
Language Ideologies;  
Plurilingualism;  
Heritage Language.

**ARTICLE RECEIVED ON:**  
09/19/2025  
**ARTICLE ACCEPTED ON:**  
10/28/2025

**ABSTRACT:** This article proposes a sociolinguistic approach to the linguistic practices of Portuguese communities in a migratory context, emphasizing the role of language as an identity marker, inter-generational link and instrument of cultural belonging. In contrast to traditional structuralist and descriptive linguistic analyses, the reflection developed here focuses on ideological frameworks and power relations that shape the production and evaluation of linguistic practices. We argue that the standard norm is not the only legitimate reference and that the Portuguese language spoken outside Portugal, in a heritage language context, should be recognized as a plural, situated and legitimately heterogeneous practice. We discuss how speakers in the context of migration operate with complex and contextually appropriate plurilingual repertoires, challenging deficit ideologies that stigmatize them as “incomplete speakers”. The article concludes with a plea for more inclusive and pluricentric linguistic and educational policies that value the diversity of the Lusophone space and promote sociolinguistic justice, recognizing the migrant communities as active agents of the vitality of the Portuguese language outside Portugal.



## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa tem sido recorrentemente mobilizada como um dos principais marcadores identitários das comunidades emigrantes, funcionando como símbolo de pertença cultural, elo intergeracional e meio de afirmação da continuidade histórica da nação portuguesa para além das suas fronteiras geográficas. Sabemos que em contextos migratórios, a língua adquire um estatuto simbólico reforçado, assumindo o papel de “âncora identitária” em territórios linguísticos e culturais distintos (Fishman, 1991; Joseph, 2004). Este fenómeno tem merecido atenção por parte de diversas áreas disciplinares, destacando-se, entre elas, a sociologia e a antropologia, que sublinham a centralidade da língua na configuração das pertenças sociais e culturais dos migrantes, bem como na construção de subjetividades em trânsito (Hall, 1996; Vertovec, 2007).

No entanto, os estudos linguísticos têm frequentemente privilegiado abordagens estruturalistas e descritivas, centradas em análises fonológicas, morfossintáticas ou lexicais da língua portuguesa em contacto com outras línguas. Estas abordagens, ainda que relevantes, tendem a negligenciar os enquadramentos ideológicos e sociais que moldam a produção, circulação e avaliação das práticas linguísticas em contexto migratório, nomeadamente no espaço de origem (Portugal) onde persiste uma visão normativa e homogeneizante da língua, pouco compatível com a diversidade efetiva das suas manifestações globais e pluricêntricas (Blommaert, 1999; Kroskrity, 2000).

Neste artigo propomo-nos contribuir para essa discussão, a partir de uma perspetiva sociolinguística crítica que questiona a relação entre língua, identidade e poder em contexto de emigração. Assumindo que os falantes não são meros reprodutores linguísticos, mas sim agen-

tes sociais posicionados que mobilizam repertórios amplos e heteroglóssicos de forma situada, propomos uma leitura das práticas linguísticas como ações performativas e ideologicamente mediadas, através das quais os sujeitos constroem e negociam as suas identidades (Bailey, 2007; Gumperz, 1982; Rymes, 2020; García & Wei, 2014; Blommaert, 2010).

## 1. A LÍNGUA COMO MARCADOR IDENTITÁRIO

Esta nossa abordagem assenta num entendimento do plurilinguismo não como justaposição de línguas concebidas como entidades estanques e homogêneas, mas como uma prática social dinâmica e fluida, em que os limites entre línguas e identidades são porosos, contestados e em permanente renegociação (Heller, 2003; Canagarajah, 2012; Li, 2017). A alternância e circulação de línguas, estilos e registos nos repertórios individuais e comunitários não são apenas práticas legítimas, mas revelam também de uma competência comunicativa complexa e situada, desafiando os modelos tradicionais baseados na norma-padrão e no monolinguismo institucionalizado do Estado Português.

Inscrevemo-nos igualmente numa linha de investigação que alia o estudo dos repertórios linguísticos à análise crítica das ideologias linguísticas que operam em contextos de origem e de permanência. Tais ideologias – muitas vezes de matriz monolingue, eurocêntrica e elitista – condicionam profundamente a forma como os “falantes de língua de herança” (Fishman, 1991; Valdés, 2000; Faneca, 2013; Melo-Pfeifer, 2018) são percebidos e como eles próprios interpretam e avaliam o seu desempenho linguístico. Em muitos casos, essas ideologias têm conduzido à sua estigmatização enquanto “falantes deficientes”, “contaminados” ou “portadores de variedades inferiores”, reproduzindo estruturas simbólicas de exclusão e desvalorização (Flores et al., 2015; Rosa, 2016; Rosa & Flores, 2017). As práticas linguísticas observadas nestes

contextos oferecem uma visão privilegiada para pensar a língua portuguesa na sua dimensão transnacional e pós-normativa, evidenciando as tensões entre homogeneização e diversidade, centralidade e margem, pertença e deslocamento.

## 2. PERSPETIVA SOCIOLINGÜÍSTICA

A língua portuguesa constitui, simultaneamente, um marcador identitário, um instrumento de transmissão intergeracional e um espaço de disputa simbólica. Em contextos migratórios, a língua de origem reveste-se frequentemente de uma dimensão afetiva e ideológica que ultrapassa a sua função comunicativa, sendo convocada como elemento distintivo da herança cultural e fator de coesão no seio da comunidade (Fishman, 1991; Joseph, 2004; De Fina & Perrino, 2013). Assumimos uma perspetiva que considera os falantes como agentes posicionados, cujos repertórios linguísticos são heterogêneos, dinâmicos e permeáveis a relações de poder (Gumperz, 1982; Bailey, 2007; Blommaert, 2010; Rymes, 2020; García & Wei, 2014). Nesta linha, defendemos que o plurilinguismo não é uma mera justaposição de competências monolingues – visão ainda amplamente disseminada em modelos escolares e institucionais –, privilegiando uma abordagem performativa e relacional da linguagem, segundo a qual os sujeitos mobilizam recursos comunicativos diversos na construção de significados e identidades situadas (Heller, 2003; Creese & Blackledge, 2015; Canagarajah, 2012). Deste modo, práticas como a alternância de códigos, o *translanguaging* ou a hibridação estilística são compreendidas não como ‘erros’ ou ‘interferências’, mas como manifestações legítimas de gestão linguística e de competência comunicativa contextualizada (Li, 2017; Melo-Pfeifer, 2018; Busch, 2012). Nesta perspetiva, a língua portuguesa falada em contexto migratório não deve ser reduzida a um desvio em relação à norma-padrão europeia, mas antes reconhecida como um conjunto de práticas linguísticas socialmente significativas e indexicalmente marcadas, ancoradas em experiências sociais e trajetórias migratórias específicas.

### 3. IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS E LEGITIMAÇÃO DE PRÁTICAS

Antes de abordar a análise crítica das ideologias linguísticas, importa clarificar o enquadramento empírico e sociocultural das comunidades consideradas. As reflexões aqui apresentadas baseiam-se em estudos realizados sobretudo em contextos migratórios europeus e norte-americanos, com particular incidência nas comunidades lusodescendentes em França, Alemanha, Canadá e Estados Unidos. Estes contextos partilham dinâmicas de manutenção e transformação linguística resultantes do contacto prolongado com outras línguas dominantes (francês, alemão, inglês), o que permite observar processos de legitimação e deslegitimação das práticas de português como língua de herança. Esta breve contextualização visa oferecer uma compreensão mais precisa do objeto de estudo e da sua relevância sociolinguística.

Ao articular a análise dos repertórios linguísticos com uma leitura crítica das ideologias linguísticas em circulação, pretendemos compreender de que modo determinadas variedades ou práticas são validadas ou deslegitimadas, seja pelas instituições educativas e mediáticas, seja pelos próprios membros das comunidades (Woolard, 1998; Flores et al., 2015). As ideologias monolingues, em particular, continuam a exercer uma influência significativa sobre a forma como se avalia a competência dos falantes em contextos de migração, frequentemente categorizados como ‘falantes incompletos’ ou ‘contaminados por estrangeirismos’ (Rosa, 2016; Koven, 2004; Simões Marques 2015, 2017, 2019). Importa igualmente sublinhar que tais representações não são apenas projetadas a partir dos contextos de acolhimento, mas são também frequentemente reforçadas pelo discurso oficial no país de origem, perpetuando uma visão hierárquica e essencialista da língua portuguesa, que exclui a sua diversidade.

A reflexão que aqui propomos assenta numa análise de várias comunidades que partilham uma história migratória. Estes estudos (Ferreira, 1981; Villanova, 1987; Carreira, 1991; Beswick & Pozo-Gutierrez, 2010; Bendiha, 1996; Brauer-Figueiredo, 1997; Cabral, 2003; Faneca, 2013; Cordeiro, 2014; Flores, 2020) oferecem uma base empírica para compreender a pluralidade de posicionamentos linguísticos e identitários que emergem no cruzamento entre mobilidade, memória e língua. Têm evidenciado a persistência de representações sociais negativas sobre os falantes, frequentemente descritos como utilizadores de formas linguísticas “deturpadas”, “incompletas” ou “empobrecidas”. Estas perceções assentam, em grande medida, em ideologias linguísticas de tipo deficitário, segundo as quais a língua falada fora das fronteiras do território nacional é considerada como um desvio de uma norma-padrão europeia idealizada e rigidamente definida (Flores et al., 2015; Rosa, 2016; Koven, 2004). A língua de herança é, neste enquadramento, constantemente avaliada a partir de critérios de correção normativa que ignoram as especificidades contextuais, funcionais e históricas das práticas linguísticas dos migrantes e dos seus descendentes. O estudo conduzido por Silva (2011) no Canadá, revela que os descendentes de migrantes – já nascidos em solo canadiano ou socializados em contextos multilingues – são objeto de correções humilhantes e estigmatizantes por parte de professores portugueses enviados por instituições oficiais de Portugal para o ensino da língua portuguesa em escolas da comunidade. Estas correções incidem sobre formas lexicais, sintáticas ou fonológicas consideradas “arcaicas”, “rurais” ou “erradas”, quando na realidade correspondem a variedades regionais legítimas ou adaptações linguísticas decorrentes da convivência com o inglês. A imposição acrítica da variedade-padrão europeia como única referência legítima de correção reflete uma hierarquização linguística que desvaloriza os repertórios locais e nega a competência linguística dos falantes de língua de herança.

Esta lógica deficitária é reforçada por discursos produzidos no espaço público português – nos media, na política, no meio académico – onde os emigrantes continuam frequentemente a ser retratados de forma caricatural: ora como figuras pitorescas e desfasadas no tempo (Koven & Simões Marques, 2015, 2017, 2021), ora como falantes de um português “macarrónico” (Simões Marques, 2009), marcado por estrangeirismos ou desvios fonéticos risíveis. Estas imagens, embora apresentadas por vezes com uma aparente nota de humor ou nostalgia, funcionam como mecanismos de exclusão simbólica, que inscrevem os emigrantes numa temporalidade marginal, como vestígios de um Portugal “de antigamente”, supostamente preservado e fossilizado no estrangeiro (Noivo, 2002; Koven & Marques, 2021).

As representações negativas do português em contexto migratório resultam, em grande parte, do desconhecimento generalizado das práticas comunicativas reais dessas comunidades. Longe de se limitarem a uma reprodução passiva da norma portuguesa, os falantes da diáspora operam uma complexa gestão de línguas, estilos, registos e normas, numa lógica de adequação situacional e de negociação de sentidos. Trata-se de uma competência plurilingue e multisituada, que permite navegar entre línguas, registos, contextos e identidades, adaptando-se tanto às exigências da escola, do trabalho ou da vida comunitária como às dinâmicas familiares e afetivas (Creese & Blackledge, 2015; Li, 2017; Rymes, 2020). No entanto, as ideologias linguísticas continuam a negligenciar essa complexidade, projetando sobre os falantes da diáspora uma imagem de incompetência linguística. Estas ideologias operam como instrumentos de poder simbólico (Bourdieu, 1991), determinando quem tem o direito de ser considerado “bom falante” e quais as variedades ou estilos que são socialmente valorizados ou marginalizados em Portugal. Em muitos casos, os membros da diáspora são colocados numa posição paradoxal: por um lado, são celebrados como “embaixadores” da língua portuguesa no mundo – em discursos de promoção internacional do idioma; por outro, são qualificados como portadores

de um “português menor”, marcado pelo erro, pela contaminação ou pela perda (Flores et al., 2015; Rosa & Flores, 2017).

Este duplo posicionamento revela o carácter profundamente ideológico e contraditório das representações sobre a língua e os seus falantes. Revela, igualmente, como a língua pode ser mobilizada para estabelecer fronteiras simbólicas entre “nós” e os “outros”, mesmo dentro de uma comunidade linguística partilhada, reiterando desigualdades históricas e sociais entre centro e periferia, norma e desvio, monolinguismo e hibridismo. As práticas linguísticas em contexto de migração revelam como os falantes constroem, negociam e (re)configuram pertenças, legitimidades e identidades em contextos marcados pela mobilidade, diversidade e tensão entre línguas hegemónicas e minoritárias. Em tais contextos, a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas um recurso simbólico e afetivo, profundamente imbricado em dinâmicas de poder, reconhecimento e exclusão (Blommaert, 2005; Bucholtz & Hall, 2005).

As ideologias linguísticas que circulam tanto nos espaços de origem como nos de permanência exercem um papel determinante na (des)valorização dessas práticas linguísticas. Essas ideologias, muitas vezes assentes em concepções puristas, monolíngues e normativas da língua portuguesa, tendem a marginalizar os usos híbridos que emergem em contextos migratórios, reforçando hierarquias simbólicas e desigualdades sociais, com impactos concretos na autoestima linguística, na escolarização e na integração dos falantes de língua de herança (Flores & Rosa, 2015; Heller, 2007).

#### 4. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO E ORIENTAÇÕES FUTURAS

Com base na reflexão teórica e na análise crítica das ideologias linguísticas apresentadas, consideramos essencial traduzir as conclusões em linhas de ação concretas, capazes de transformar o reconhecimento teórico da pluralidade linguística em práticas efetivas de valorização e inclusão. Propomos, assim, um conjunto de orientações que possam informar políticas públicas, práticas pedagógicas e representações sociais sobre o português em contexto de migração, alicerçadas nos princípios de “justiça linguística” (Skutnabb-Kangas, 2000; Hornberger, 2005) e de “ecologia das línguas” (Haugen, 1972; Calvet, 1999):

##### a) Formação docente e sensibilização sociolinguística

Consideramos que é fundamental que os professores de português como língua de herança recebam formação específica que os capacite para reconhecer, compreender e valorizar a diversidade linguística e cultural dos seus alunos. Essa formação deve incluir uma dimensão crítica sobre as ideologias linguísticas que informam o ensino (Heller, 2003; Flores & Rosa, 2015), de modo a desmontar concepções puristas e hierárquicas da língua e a promover práticas pedagógicas que integrem repertórios plurilingues e translingues (García & Wei, 2014; Li, 2017). Tal sensibilização implica preparar os docentes para interpretar a variação e o contacto linguístico não como sinais de “erro” ou “interferência”, mas sim como recursos comunicativos legítimos. A formação contínua de professores deveria, por isso, incluir módulos sobre análise crítica do discurso, educação linguística intercultural e políticas de reconhecimento, permitindo-lhes adotar metodologias que espelhem a complexidade dos contextos migratórios e a heterogeneidade dos seus aprendentes.

### b) Currículos inclusivos e pluricêntricos

As políticas educativas deveriam adotar uma visão do português como língua pluricêntrica (Clyne, 1992; Baxter, 2012), reconhecendo a legitimidade e o valor das variedades linguísticas em uso fora de Portugal. Tal perspectiva implica a revisão dos currículos e materiais didáticos, de forma a incluir textos, registos e práticas discursivas provenientes das comunidades da diáspora. A integração de materiais autênticos – literários, mediáticos ou orais – provenientes de diferentes comunidades lusófonas (como França, Canadá, Luxemburgo ou África do Sul) permitiria desconstruir a ideia de uma norma única e hierarquicamente superior. Além disso, favorecer a pedagogia da variação linguística ajudaria os alunos a reconhecer a diversidade como componente constitutiva da língua, e não como desvio. Assim, os currículos deveriam refletir não apenas o português europeu, mas também as variedades afro-lusófonas e diaspóricas, reforçando o caráter transnacional e descentralizado do espaço linguístico português.

### c) Valorização pública e mediática das comunidades

A reconfiguração das narrativas públicas sobre a emigração e os seus falantes constitui outro eixo essencial. Os meios de comunicação, as instituições culturais e as agências de promoção da língua deveriam adotar representações que enfatizem o papel das comunidades migrantes como agentes ativos da vitalidade linguística e cultural, e não como guardiões nostálgicos de um português arcaico (Koven & Simões Marques, 2015, 2021). Uma política de comunicação pública centrada na diversidade implicaria apoiar iniciativas culturais e mediáticas bilingues ou plurilingues, dar visibilidade a criadores, escritores e artistas da diáspora e promover campanhas que apresentem o português de herança como um recurso vivo, dinâmico e identitário. Essa mudança discursiva é crucial para contrariar a discriminação linguística e simbólica

(Flores & Rosa, 2015; Koven & Simões Marques, 2015) que ainda marca o imaginário social relativamente aos emigrantes.

d) Cooperação internacional e redes de investigação

O fortalecimento de redes de colaboração entre universidades, associações e instituições culturais dos países de origem e de acolhimento seria determinante para o desenvolvimento de políticas linguísticas integradas e baseadas em evidência científica. Essas redes poderiam apoiar projetos de investigação comparativa, produção de materiais pedagógicos e formação conjunta de docentes. Seguindo os princípios da “justiça linguística” (Skutnabb-Kangas, 2000) e da abertura de “espaços ideológicos e implementacionais” (Hornberger, 2005), propõe-se a criação de programas interinstitucionais que promovam a circulação de saberes e práticas educativas entre contextos migratórios distintos. Tais programas deveriam priorizar a participação das próprias comunidades de falantes de herança, reconhecendo-as como coautoras de políticas linguísticas, e não meras destinatárias de intervenções.

e) Perspetiva ecológica e de direitos linguísticos

Todas estas medidas devem ser enquadradas por uma perspetiva “ecológica” da língua (Skutnabb-Kangas, 2000; Phillipson, 1992), segundo a qual cada língua constitui parte de um ecossistema cultural e simbólico que precisa de ser preservado. Nesta ótica, o português em contexto migratório é entendido como uma forma de diversidade linguística ameaçada, e a sua promoção deve ser vista como uma questão de direitos humanos e de cidadania cultural. A autora sublinha que o “genocídio linguístico em educação” ocorre quando as escolas marginalizam ou proíbem o uso das línguas maternas e de herança, comprometendo o desenvolvimento cognitivo e identitário das crianças. Aplicado ao caso português, este princípio implicaria

reconhecer institucionalmente o português de herança como variedade legítima, apoiando o seu ensino e valorizando a sua presença nas comunidades educativas.

As propostas aqui apresentadas procuram deslocar o foco da análise puramente descritiva para uma intervenção transformadora, em que o reconhecimento das práticas linguísticas da diáspora portuguesa se traduza em políticas públicas, práticas pedagógicas e representações sociais de valorização, diversidade e equidade. A construção de uma política linguística verdadeiramente inclusiva requer, portanto, o diálogo contínuo entre investigação, educação e sociedade civil, num compromisso ético com os princípios da justiça e dos direitos linguísticos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O percurso analítico desenvolvido neste artigo permite-nos evidenciar as tensões ideológicas e simbólicas que moldam a perceção da língua portuguesa em contexto migratório. Ao introduzirmos propostas de intervenção sustentadas na literatura e ancoradas na realidade sociolinguística das comunidades, procurámos reforçar a relevância prática da discussão. As medidas apresentadas pretendem contribuir para a redefinição das políticas linguísticas e educativas portuguesas e para a valorização dos falantes de língua de herança como participantes legítimos e inovadores na construção do espaço lusófono. Reafirmamos, assim, a necessidade de abandonar representações puristas e hierárquicas, substituindo-as por uma conceção relacional e inclusiva da língua portuguesa, em que a diversidade é entendida como fonte de vitalidade e não de fragmentação. O desafio que se coloca à investigação e à ação política é o de transformar o reconhecimento teórico da pluralidade em práticas concretas que garantam justiça e equidade linguística.

Para tal, é necessário formar professores conscientes da diversidade sociolinguística, promover currículos que valorizem a variedade e o contacto linguístico e adotar perspetivas pedagógicas baseadas na justiça linguística (Skutnabb-Kangas, 2000; Hornberger, 2005). Importa também repensar o próprio projeto de internacionalização da língua portuguesa, frequentemente formulado em termos economicistas ou nacionalistas. Esse projeto deve ser articulado com uma visão inclusiva e plural do universo lusófono, que reconheça as comunidades migrantes como protagonistas ativos da expansão e da vitalidade da língua portuguesa, e não como seus “guardiões” periféricos ou desvios inconvenientes. Isso implica abandonar representações da língua portuguesa como uma língua homogénea, monolingue e centrada no modelo europeu/continental e substituí-las por uma conceção relacional, dinâmica e multissituada, atenta à heterogeneidade de práticas, vozes e dinâmicas que a constituem. Ao reconhecer a pluralidade de formas do português – incluindo aquelas que florescem e se transformam nas margens da diáspora – será possível construir uma política linguística mais justa, inclusiva e afinada com os princípios da diversidade cultural e dos direitos linguísticos.

## REFERÊNCIAS

- Agha, A. (2006). *Language and social relations*. Cambridge University Press.
- Almeida, J. C. Pina & Corkill, D. (2015). On Being Portuguese: Luso-tropicalism, Migrations and the Politics of Citizenship. In: Rodríguez, E. Gutiérrez; Tate, S. A. (eds.), *Creolizing Europe. Legacies and Transformations*. Liverpool University Press, 157-174.
- Almeida, O. Teotónio (2005). On Lusofonia. An Expatriate Language as Mother Tongue. In Soares, A. (ed.), *Towards a Portuguese Postcolonialism*. University of Bristol.
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. University of Minnesota Press.
- Ashby, S. (2018). *The Lusophone World: The Evolution of Portuguese National Narratives*. Sussex Academic Press.
- Auer, P. (2020). The Pragmatics of Code-Switching: A Sequential Approach. In: *The Bilingualism Reader* (pp. 123-138). Routledge.
- Azevedo, M. M. (2005). *Portuguese: A Linguistic Introduction*. Cambridge University Press.
- Bagno, M. (2018). Duas Línguas, Quantas Políticas? In: Pinto, P.F.; Melo-Pfeifer, S. *Políticas Linguísticas em Português*. Lisboa: Lidel.
- Bailey, B. (2007). Heteroglossia and boundaries. In: *Bilingualism: A social approach* (pp. 257-274). Palgrave Macmillan.
- Barre, J. de la (2003). Luso-descendant: le terme en question, *Recherches en Anthropologie au Portugal*, 9(1), 13-22.
- Bastos, C. (2020). Intersections of Empire. Post-Empire, and Diaspora: De-Imperializing Lusophone Studies, *Journal of Lusophone Studies*, 5(2), 27-54.
- Baxter, A. (2012). Portuguese as a Pluricentric Language. In: Clyne, M. (ed.) *Pluricentric languages* (pp. 11-44). De Gruyter Mouton.
- Bendiha, U. M. Santos Pereira (1996). *Os Caminhos do Empréstimo: a Influência do Francês no Vocabulário dos Emigrantes Portugueses (1978-1993)*. [Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro].
- Beswick, J. & Pozo-Gutierrez, A. (2010). Migrant Identities, Sociolinguistic and Sociocultural Practices: Portuguese and Spanish Migrations to the South Coast of England, *Portuguese Studies*, 26(1), 41-59.

- Blommaert, J. (2010). *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge University Press.
- Brauer-Figueiredo, M. de F. (1997). Aspectos do bilinguismo dos emigrantes portugueses da 2ª geração em Hamburgo. In: H. Lüdtke & Schmidt-Radefeldt, J. (orgs.) *Kontrastive Linguistik: Deutsch versus Portugiesisch-Spanisch-Französisch* (pp. 381-406). Gunter Narr Verlag.
- Brettell, C. (1981). Is the Ethnic Community Inevitable? A Comparison of the Settlement Patterns of Portuguese immigrants in Toronto and Paris, *The Journal of Ethnic Studies*, 9(3).
- \_\_\_\_\_(2003). *Anthropology and Migration: Essays on Transnationalism, Ethnicity, and Identity*. Altamira.
- Brubaker, R. (2005) The 'Diaspora' Diaspora, *Ethnic and Racial Studies*, 28(1), 1-19.
- Bucholtz, M. & Hall, K. (2005). Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach, *Discourse Studies*, 7(4-5), 585-614.
- Cabral, A. (2003). Profils de jeunes d'ascendance portugaise de retour au Portugal : expression linguistique et hétéro-image, *Recherches en Anthropologie au Portugal*, 1, 79-86.
- Calvet, L.-J. (1999). *Pour une écologie des langues du monde*. Plon.
- Canagarajah, S. & Silberstein, S. (2012). Diaspora Identities and Language. *Journal of Language, Identity & Education*, 11(2), 81-84.
- Carreira, M. H. Araújo (1991) La nature et les mécanismes du contact des langues. Une étude de l'expression écrite d'adolescents portugais en France. In Papers for the Symposium on *Code-switching in Bilingual Studies: Theory, Significance and Perspectives* (pp. 157-180). European Science Foundation.
- Clifford, J. (1994). Diasporas. *Cultural Anthropology*, 9(3), 302-338.
- Clyne, M. (ed.) (1992). *Pluricentric languages. Differing norms in different nations*. Mouton de Gruyter.
- Cordeiro, G. Índias (2014). Belongings and Interactions: Negotiating Portuguese-Speaking Identities in Boston, *Portuguese Literary and Cultural Studies*, 26, 111-126. <https://doi.org/10.62791/4p3s8p48>
- \_\_\_\_\_(2019). An Immigrant in America Yes, but not an Emigrant in my own country! The Unbearable Weight of a Persistent Label. In *New and Old Routes of Portuguese Emigration* (pp. 253-264). Cham.
- Correia, H. & Bento, M. (1997). 'Les effets du retour définitif pour les migrants de la seconde génération sur quelques variables phonologiques du portugais en milieu rural'. *Actes du Colloque de la SILF à Coimbra*. P.U.F.

- Creese, A. & Blackledge, A. (2015). 'Translanguaging and Identity in Educational Settings', *Annual Review of Applied Linguistics*, 35, 20-35.
- De Villanova, R. (1987). La circulation des langues dans les familles portugaises. In Vermes G. & Boutet, J. (eds.) *France, Pays Multilingue* (pp. 130-142). L'Harmattan.
- \_\_\_\_\_(1988). Identité et performance académique chez des étudiants bilingues, *Sociologie du Sud-Est*, 55, 203-218.
- De Villanova, R. (1988). Le portugais: une langue qui se ressource en circulant. In Vermès, G. (ed.) *Vingt-cinq communautés linguistiques de la France* (pp. 283-300). L'Harmattan.
- Deprez, C. (2003). Sociolinguistic Remarks about Portuguese in France: Construction of a Stigmatized Sociolect. In *Conference on «Language and (im)migration in France, Latin America, and the United States»*. [https://liberalarts.utexas.edu/france-ut/\\_files/pdf/resources/deppez.pdf](https://liberalarts.utexas.edu/france-ut/_files/pdf/resources/deppez.pdf)
- Dias, E. Mayone (1989). *Falares Emigrantes–Uma Abordagem ao seu Estudo*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Dick, H. (2010). Imagined Lives and Modernist Chronotopes in Mexican Nonmigrant Discourse. *American Ethnologist*, 37(2), 275–90.
- Faneca, R. M. (2013). Aprendizagem e representações do Português Língua de Herança por Luso-descendentes em França em contextos não formais. *Indagatio Didactica*, 5(3), 29-49.
- Feldman-Bianco, B. (1992). Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity, and Nationalism among Portuguese Immigrants, *Annals of New York Academy of Science*, 145–74.
- Ferreira, I. Vale (1981). Quelques transformations que subit la langue portugaise au cours de l'immigration en France. In: *European Science Foundation (ed.) Status of Migrants' Mother Tongues* (pp. 169-174). European Science Foundation.
- Ferreira, J.-A. (2002). Aspects of the Attrition of an Immigrant Language: Lexical Loss among Portuguese Trinidadians, *SCL 2002 Trinidad & Tobago*, 1-18.
- Ferreira, T. S. & Melo-Pfeifer, S. (2018) *Política linguística e ensino de português para a Diáspora*. In: *Políticas linguísticas em Português*. Lidel – Edições Técnicas, Lda.
- Fina, A. de & Perrino, S. (2013). Transnational identities. *Annual Review of Anthropology*, 42, 347–361.
- Fishman, J. A. (1991). Reversing language shift: Theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages. *Multilingual Matters*.

Flores, C. (2008). A competência sintáctica de falantes bilingues luso-alemães regressados a Portugal. [Tese de Doutoramento, Universidade do Minho].

\_\_\_\_\_(2019). Language Development of Bilingual Returnees. In: Schmid, M. et al. (eds.), Oxford Handbook of Language Attrition (pp. 493-501). Oxford University Press.

\_\_\_\_\_(2020). Attrition and reactivation of a childhood language. The Case of Returnee heritage speakers, *Language Learning*, 70, 85-121.

Flores, C. & Barbosa, P. (2014). When Reduced Input Leads to Delayed Acquisition: a Study on the Acquisition of Clitic Placement by Portuguese Heritage Speakers, *International Journal of Bilingualism*, 18(3), 304-325.

Flores, N. & Rosa, J. (2015). Undoing Appropriateness: Raciolinguistic Ideologies and Language Diversity in Education. *Harvard Educational Review*, 85(2), 149-171.

Flores, C. & Snape, N. (2020). Language Attrition and Heritage Language Reversal in Returnees. In: Montrul, S. (ed.) *Handbook of Heritage Languages and Linguistics*. Cambridge University Press.

Formato, G. & Cordeiro, G. (2020). Quando a Variante é o que Importa: Reflexões Partilhadas sobre os Usos e os Sentidos da Língua Portuguesa em Boston (Massachusetts, USA). In: Lechner, E. et al. (orgs.), *EM migração EM português. Exílios, retornos, colonizações* (pp. 139-162). CES & Edições Almedina.

Gal, S. (1987). Codeswitching and Consciousness in the European Periphery, *American Ethnologist*, 14(4), 637-653.

\_\_\_\_\_(2006). Contradictions of Standard Language in Europe: Implications for the Study of Practices and Publics, *Social Anthropology*, 14, 163-81.

Gal, S. & Irvine, J.T. (2019). *Signs of Difference: Language and Ideology in Social Life*. Cambridge University Press.

García, O. & Wei, L. (2014). Translanguaging and Education. In: *Translanguaging: Language, Bilingualism and Education* (pp. 63-77). Palgrave.

Gardner-Chloros, P. (1995) Code-switching in Community, Regional and National Repertoires: The Myth of the Discreteness of Linguistic system. In: Milroy, L. and P. Muysken (eds.), *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching* (pp. 68-89). Cambridge University Press.

Goldstein, T. (1997). *Two Languages at Work*. De Gruyter Mouton.

- Gonçalves, A. (1996). *Imagens e Clivagens: Os Residentes Face aos Emigrantes*. Afrontamento.
- Gonçalves, K. (2012). Semiotic Landscapes and Discourses of Place within a Portuguese-Speaking Neighbourhood, *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 1, 71-99.
- Gumperz, J. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge University Press.
- Haugen, E. (1972). *The ecology of language*. Stanford University Press.
- Heller, M. (ed.) (1988). *Codeswitching: Anthropological and Sociolinguistic Perspectives*. Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_(2003). Globalization, the New Economy, and the Commodification of Language and Identity. *Journal of Sociolinguistics*, 7(4), 473-492.
- Hill, Jane (2009). *The Everyday Language of White Racism*. John Wiley & Sons.
- Hill, J. & Hill, K. (1986). *Speaking Mexicano: Dynamics of Syncretic Language in Central Mexico*. University of Arizona Press.
- Hornberger, N. H. (2005). Opening and filling up implementational and ideological spaces in heritage language education. *The Modern Language Journal*, 89(4), 605-609.
- Keating, C. (2021). Polycentric, Pluricentric? Epistemic Traps in Sociolinguistic Approaches to Multilingual Portuguese, in Makoni, S. et al. (orgs.), *The Linguaging of Higher Education in the Global South: Decolonizing the Language of Scholarship and Pedagogy*. Routledge.
- Keating, C. & Solovova, O. (2011). Multilingual Dynamics among Portuguese-based Migrant Contexts in Europe, *Journal of Pragmatics*, 43(5), 1251-1263.
- Klimt, A. (2000). Do National Narratives Matter? Identity Formation among Portuguese Migrants in France and Germany, *European Encounters: Migrants, Migration, and European Societies Since*, 238-256.
- Klimt, A. & Lubkemann, S. (2002). Argument across the Portuguese-speaking World: a Discursive approach to Diaspora. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 11(2), 145-162.
- Koven, M. (2004). Transnational Perspectives on Sociolinguistic Capital among Lusodescendants in France and Portugal. *American Ethnologist*, 31(2), 270-290.
- \_\_\_\_\_(2007). *Selves in Two Languages: Bilinguals' Verbal Enactments of Identity in French and Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins.

Koven, M. (2013). Speaking French in Portugal: An Analysis of Contested Models of Emigrant Personhood in Narratives about Return Migration and Language Use. *Journal of Sociolinguistics*, 17(3), 324–54.

Koven, M. (2016). Essentialization Strategies in the Storytellings of Young Luso-Descendant Women in France: Narrative Calibration, Voicing, and Scale. *Language and Communication*, 46, 19-29.

Koven, M. & Marques, I. Simões (2015). Performing and Evaluating (Non)-modernities of Portuguese Migrant Figures on YouTube: The Case of Antonio de Carglouch. *Language in Society*, 44(2), 213–42.

\_\_\_\_\_(2017). Enacting the Multiple Spaces and Times of Portuguese Migration to France in YouTube Humor: Chronotopic Analysis of Ro et Cut's Vamos a Portugal. *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 6, 95–118.

\_\_\_\_\_(2021). Multiaddressivity and Collective Addressivity in Vlog-based Interactions between Diasporic and Nonmigrant. *Portuguese Journal of Linguistic Anthropology*, 31(1), 1-22.

\_\_\_\_\_(no prelo). Linguistic Anthropological Approaches to Portuguese in the diaspora. In Carvalho, A. M. & Oushiro, L. *The Oxford Handbook of Portuguese Language*. Oxford University Press.

Li, W. (2017). Translanguaging as a practical theory of language. *Applied Linguistics*, 39(1), 9-30.

Lopes, L. P. Moita (2018). *Global Portuguese*. Routledge.

Lubkemann, S. (2002). The Moral Economy of Portuguese Postcolonial Return. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 11(2), 189–213.

Marques, I. Simões (2003). Emprunts et discours bilingue dans Léah e Outras Histórias de José Rodrigues Miguéis. [Dissertação de Mestrado, Université Paris 8].

\_\_\_\_\_(2009). Le plurilinguisme dans le roman portugais contemporain (1963-1983): caractéristiques, configurations linguistiques et énonciatives. [Tese de Doutorado, Université Paris 8].

\_\_\_\_\_(2013). A literatura como espelho das migrações entre Portugal e França: análise de interações e variações linguísticas. In: Cid, T. et al. (coords.), *Portugal pelo Mundo Disperso* (pp. 319-332). Tinta-da-China.

\_\_\_\_\_(2015). Entre le centre et les marges ou les enjeux de l'interlangue dans la littérature migrante portugaise d'hier et d'aujourd'hui. In: Bonnet-Falandry, F. et al. (Se) *Construire dans l'Interlangue : Perspectives Transatlantiques sur le Multilinguisme* (pp. 129-143). Presses Universitaires du Septentrion.

Marques, I. Simões (2015). Quando a literatura retrata a emigração portuguesa em França: o caso de Nita Clímaco. In: Simas, R. e M. Neves (coords.), *A Vez e a Voz da Mulher: Relações e Migrações* (pp. 45-56). Colibri.

Marques, I. Simões (2019). Distanciamento e bilinguismo em romances portugueses sobre a emigração. In: Seara, I. Roboredo et al. (orgs.), *Discurso(s) de Cumplicidade(s). Homenagem a Fernanda Menéndez* (pp. 279-295). Húmus.

\_\_\_\_\_(2022) A lusodescendência em literatura: escritas de herança ou errância?. In: Simões, Maria João (Coord.), *Imagologia e Mobilidade - Movidas e Migrações Figuradas* (pp. 279-302). Imprensa da Universidade de Coimbra.

Marques, I. Simões & Koven, M. (2017) ‘We are Going to Our Portuguese Homeland!’ French Luso-descendants’ Diasporic Facebook Co-narrations of Vacation Return Trips to Portugal, *Narrative Inquiry*, 27(2), 286–310.

Martins, M. de Lemos (2006). A Lusofonia como Promessa e o seu Equívoco Lusocêntrico. In Martins, M. de Lemos, et al. (eds), *Comunicação e Lusofonia* (pp. 79-87). Campo das Letras.

Martins, P. I. Leitão (2008). O Português de Jovens Lusodescendentes em França/Algumas Notas sobre o Domínio da Competência Oral. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro].

Matias, A. R. & Scetti, F. (2017). Question of Dominance: The Portuguese Language in Two Contexts, While Dominant and Non-dominant Language. In: Hale, L.; Zhang, J. (eds), *Proceedings of the Fifteenth International Conference on Law and Language of the International Academy of Linguistic Law* (pp. 188-194). American Scholars Press.

Matozzi, Martina (2019). De Torna-viagem. A Emigração na Literatura Portuguesa. *Caleidoscópio*.

Melo-Pfeifer, S. (2018). Português como Língua de Herança. *Domínios de Linguagem*, 12(2), 1161-1179.

Melo-Pfeifer, S. & Schmidt, A. (2012). Linking “Heritage Language” Education and Plurilingual Repertoires development: Evidences from Drawings of Portuguese Pupils in Germany. *Contribution to Plurilingual and Intercultural education, L1-Educational Studies in Language and Literature*, 12, 1-30.

\_\_\_\_\_(2022). Português como Língua de Herança: uma perspectiva pluricêntrica do processo de ensino e aprendizagem. *Estudos Linguísticos e Literários*, 73, 380-406.

Noivo, E. (2002). Towards a Cartography of Portugueseness: Challenging the Hegemonic Center, *Diaspora: A Journal of Transnational Studies* 11(2), 255–275.

Pap, L. (1949). Portuguese-American speech: An Outline of Speech Conditions among Portuguese immigrants in New England and Elsewhere in the United States. King's Crown Press, Columbia UnPark.

Pereira, V. (2010) Do Povo à comunidade. Os emigrantes no imaginário português. In Neves, J., Como se Faz um Povo: Ensaios em História Contemporânea de Portugal (pp. 139-52). Tinta-da-China.

Phillipson, R. (1992). Linguistic imperialism. Oxford University Press.

Reyes, A. (2017). Inventing Postcolonial Elites: Race, Language, Mix, Excess, *Journal of Linguistic Anthropology*, 27(2), 210–231.

Rinke, E. & Flores, C. (2021). Portuguese as Heritage Language in Germany-A Linguistic Perspective, *Languages*, 6(1), 1-16.

Rocha-Trindade, M. B. (1998). Les temps mythiques des migrations. In Rocha-Trindade, M. B. & Raveau, F. (eds.), *Présence portugaise en France* (pp. 25-41). Universidade Aberta.

Rosa, J. (2016). From mock Spanish to inverted English: Language ideologies and the racialization of Mexican and Puerto Rican youth in the United States. *Language & Communication*, 46, 106–117.

\_\_\_\_\_(2016) From Mock Spanish to Inverted Spanglish. In: Samy Alim, H., et al. (eds.), *Raciolinguistics: How Language Shapes Our Ideas about Race* (pp. 65-80). Oxford University Press.

Rosa, J., Flores, N. (2015). Undoing appropriateness: Raciolinguistic ideologies and language diversity in education. *Harvard Educational Review*, 85(2), 149–171.

Rosa, J. & Trivedi, S. (2017). Diaspora and Language. In: *The Routledge Handbook of Migration and Language* (pp. 330-346). Routledge.

Rymes, B. (2020). *How We Talk about Language: Exploring Citizen Sociolinguistics*. Cambridge University Press.

Scetti, F. (2019) *La communauté portugaise de Montréal*. Langue et Identité. Presses de l'Université de Laval.

\_\_\_\_\_(2020). Le portugais est la 7e langue la plus utilisée au monde ! Promotion de la langue portugaise dans deux communautés portugaises en Amérique du Nord, *Langage et Societé*, (2), 87-108.

Silva, E. da (2011). *Sociolinguistic (Re)constructions of Diaspora Portugueseness: Portuguese-Canadian Youth in Toronto*. [Tese de Doutorado, University of Toronto].

- Silva, E. da (2015). 'Humor (re)positioning ethnolinguistic ideologies: "You Tink is Funny?"'. *Language in Society*, 44(2), 187-212.
- Silva, S. S. Cunha da & Marques, I. Simões (2022), *Ensino de língua e pluriculturalismo - Para a construção de identidades na sociedade pós-moderna*, *Estudos Linguísticos e Literários*, 73, 357-379.
- Skutnabb-Kangas, T. (2000). *Linguistic genocide in education – or worldwide diversity and human rights?*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Spitulnik, D. (1996). The Social Circulation of Media Discourse and the Mediation of Communities. *Journal of Linguistic Anthropology*, 6(2), 161-187.
- Terra, A. (2000). *Contact des langues (portugais/français) : pratiques et représentations langagières et socio-culturelles des jeunes bilingues en France*. [Dissertação de Mestrado, Université de Paris 8].
- Urciuoli, B. (1995). Language and Borders. *Annual Review of Anthropology*, 24(1), 525-546.
- Valdés, G. (Ed.) (2000). *Spanish for Native Speakers: AATSP Professional Development Series Handbook for Teachers K-16* (pp. 1-20). Harcourt College Publishers.
- Vieira, M. I. (2010). *Regards croisés francophones et portugais: Images des Portugais dans la littérature romanesque contemporaine (1950-2000)*. [Tese de Doutorado, Université de Paris-Ouest Nanterre la Défense].
- Weinreich, U. (1953). *Languages in Contact: Findings and Problems*. Linguistic Circle of New York.
- Woolard, K. (1998). Simultaneity and Bivalency as strategies in Bilingualism. *Journal of Linguistic Anthropology*, 8(1), 3-29.
- \_\_\_\_\_(2004). Codeswitching. In: Duranti, A. (ed), *A Companion to Linguistic Anthropology* (pp. 73-94). Blackwell.
- Woolard, K. A. & Schieffelin, B. B. (1994). Language ideology. *Annual Review of Anthropology*, 23(1), 55-82.

